desinformémonos

Revista Comunitária Bimestral - Número 14 - Agosto / Setembro 2011 - www.desinformemonos.org

Moçambique: a revolta que estremeceu a capital

OS NOSSOS

Dom Tomás Balduíno
A defesa da ecologia, uma conquista mundial

OS NINGUÉNS

Rio de Janeiro
Despejo na véspera da Copa e Olimpíadas

Ciudad Juárez
Da dor à esperança, vozes das vítimas da guerra de Felipe Calderón

REPORTAGENS

Guerrero
Resgatar nossas raízes, afirmar nossa identidade

Califórnia
A fome espreita o Vale do Silício

México
"Não aceitamos ser reprovados na UNAM nem em nenhuma Universidade"

Uma conversa entre Grace Lee Boggs e Immanuel Wallerstein

EcoRedes catalãs
Modelos de economia livre, regional e cidadã

Cultivo de camarões na América Central
Destruição ecológica e mentira social

Uma conversa entre Grace Lee Boggs e Immanuel Wallerstein

Apresentamos fragmentos desta conversa realizada no marco do Fórum Social dos Estados Unidos, em Detroit, no dia 24 de junho de 2010.

Estados Unidos. Immanuel Wallerstein, historiador norte americano, é um dos escritores mais infl uentes do pensamento crítico, conhecido internacionalmente por seu extenso estudo sobre "o moderno sistema mundial", que procura interpretar a história global do capitalismo. Grace Lee Boggs é uma fi losofa norte americana que dedicou sua vida ao ativismo político e ao desenvolvimento de teorias sobre uma revolução estadunidense.

O mundo de hoje

Estamos vivendo em um sistema que chamamos capitalismo, ou economia-mundo capitalista, ou sistema-mundo moderno, que surgiu há cerca de quinhentos anos, mas que atualmente entrou em uma fase de "crise estrutural". Ou seja, está entrando em colapso, porque perdeu as possibilidades de acumulação interminável que o caracterizam.

Nessa "crise estrutural", ocorre uma luta de longo prazo entre os oprimidos e os opressores por alternativas, e não sabemos quem vai ganhar, ou que sistema substituirá ao atual. Tudo depende de nós e da soma dos esforços de todos em cada momento e em cada canto do mundo. Mas os opressores investem muito nisso. Eles têm o dinheiro, as armas e o poder. De modo que não se renderão facilmente. Mas isso não signifi ca que não podem ser vencidos.

Podemos dizer então que estamos em meio a uma grande luta sobre como será substituído o horrível sistema em que vivemos agora por outro melhor, e por isso dizemos: "outro mundo é possível". E isso depende de nós.

Temos um fantástico desafi o

Com a crise, todo o assunto se tornou disfuncional. O que se faz quando algo se torna disfuncional? Continua esperando que se torne funcional? Ou começa a criar alternativas? Temos agora este fantástico desafi o de repensar a maneira como percebemos a realidade. Este é o momento não apenas de atuar, mas de pensar, e podemos decidir fazê-lo com nossos corações ou apenas com o lado direito de nossos cérebros. Mas a revolução hoje é um ato de criação, um ato de imaginação. É esse ativismo que precisamos fazer. Não devemos apenas nos opor, mas projetar alternativas.

O mundo que queremos

O mundo que deveríamos querer é um relativamente democrático e relativamente igualitário, que não é o que temos hoje. Quais instituições teremos é algo que não sabemos. É como se as pessoas do século XV tivessem dito: «Oh, meu Deus, o feudalismo está chegando ao fi m e será substituído pelo capitalismo. Que tipo de estruturas esse sistema capitalista terá?". Quantos deles poderiam imaginar, em 1540, o tipo de estruturas que se desenvolveriam na economia-mundo capitalista ao longo de 500 anos.

Não sei se podemos dizer que tipo de estruturas existirão no futuro. Mas temos que organizá-las sobre uma ofensiva que signifi que construir algo muito melhor daquilo que se fez historicamente no sistema-mundo capitalista.

Visão para 2050

O mundo de 2050 será o que fi zermos dele. Vocês sabem que nas discussões sobre a teoria do caos existe a ideia da borboleta. A borboleta move sua asa aqui e, do outro lado do planeta, há uma mudança climática pelo impacto desse mover de asas da borboleta, e eu gostaria de dizer que todos somos borboletas. Todos estamos movendo nossas asas a cada minuto, e não apenas uma vez. Assim é que depende de vocês. Se uma quantidade sufi ciente de nós movermos nossas asas empurrando na direção correta, podemos vencer. Isso pode não ocorrer, e, caso não ocorra, em 2050 podemos estar vivendo em um mundo miserável. Depende de quantos de nós movamos nossas asas na direção correta.

A conversa completa pode ser lida em http://desinformemonos.org

EcoRedes catalãs Modelos de economia livre, regional e cidadã

Dídac Sánchez-Costa

Catalunha, Espanha. As EcoRedes são inovadoras redes de trocas. São sistemas monetários baseados na solidariedade, na cooperação e na soberania econômica regional, construídos por cidadãos que criam uma moeda alternativa ou com-plementar e sistemas inovadores de pro-dução e distribuição comercial.

Combinam-se dois métodos diferentes de moeda social, o modelo LETS e o das regio alemãs, e se introduz uma cooperativa de consumo, e de espaços de trabalho e produção cooperativa que combinam euros e moeda social.

Nos LETS todos os usuários começam do zero e ganham moeda social ao oferecer qualquer bem ou serviço a outro. Quem oferece um bem, vê sua conta aumentar; quem o recebe, se ainda não ofereceu nada, vê sua conta fi car negativa, endividando-se. Todos podem se endividar até menos 100, e não há problema em fi car no negativo, desde que a pessoa não fi que sempre sem contribuir com nada; a dívida não deve ser paga num prazo determinado, e não há juros, o que constitui uma das difereças essenciais em relação às moedas ofi ciais.

Existe também a possibilidade, como nas redes alemãs regio, de que um consumidor da rede, aquele que não produz e ao mesmo tempo consome, compre moeda local com euros a uma taxa de câmbio de 1 para 1. Isso é feito por aqueles que entram em contato com a rede numa feira, querem adquirir algum produto e não têm nada para trocar. Como não podem usar os euros na feira, fazem o câmbio e assim podem adquirir produtos, enquanto dessa forma a rede recebe euros de forma coletiva.

Central de Compras Coletivas As feiras são uma vitrine pública da eco-nomia social e ecológica local na qual toda a comunidade contribui, em conjunto, para o ingresso de euros. Esse capital não

é guardado num banco, mas se destina a compras coletivas de produtos básicos e de consumo cotidiano que ainda não existem na rede.

Doação, troca e venda

Em nosso sistema não nos baseamos unicamente no intercâmbio ou troca local, mas se combinam três espaços econômicos concêntricos: a doação sem registro nem reciprocidade; a troca solidária direta ou com moeda social; e a compra-venda com euros por terceiros, na periferia do sistema.

Diferenças em relação ao dinheiro ofi cial

As moedas sociais são muito diferentes das ofi ciais: não há juros, não se pode vender moeda por mais moeda; a emissão não é centralizada e privada, mas descentralizada e comunitária; não há escassez de moeda, mas existe tanta moeda quanto for a riqueza real que houver em cada comunidade; o respaldo não é o ouro ou o dinheiro que entra, mas a capacidade produtiva de cada comunidade; e assim se constrói um novo elo monetário, mais próximo e humano, no qual podem surgir muitas riquezas, talentos e recursos locais adormecidos que não entravam na escala industrial capitalista das moedas ofi ciais.

Contexto atual

No contexto atual do movimento 15M, estão sendo criadas mais EcoRedes de forma autônoma em muitos povoados, como uma das respostas construtivas para escapar da miséria à qual nos condenam a crise econômica e os cortes do estado de bem-estar impostos pela oligarquia internacional dos bancos.

Estamos construindo ferramentas que nos dotem de autonomia num campo tão central como é o econômico, para depois poder dispor dessa mesma autonomia no político e no cultural.

De Chiapas à Catalunha

Acreditamos que esses modelos socioeconômicos se encaixam na luta empreendida até hoje pelos irmãos indígenas no México, que arrebataram com um risco muito maior, através do único caminho que era possível ali, a via armada, um futuro diferente do trágico fi m ao qual a história liberal os havia condenado.

Para ler o texto completo, visite: http://desinformemonos.org

No Rio de Janeiro Despejo na véspera da Copa e Olimpíadas

Mais de 900 famílias da Vila Autódromo, localizada na zona oeste do Rio de Janeiro, estão ameaçadas de despejo. A área possui um grande valor imobiliário e está na mira das construções para receber a Copa do Mundo e as Olimpíadas. A seguir, o depoimento da ativista comunitária Jane Nascimento.

Depoimento recolhido por Tatiana Lima, na Vila Autódromo, Rio de Janeiro, Brasil. Fotos: Tatiana Lima

Meu nome é Jane Nascimento. Nasci no Rio de Janeiro. Sou uma ativista social e luto todos os dias para não ser despejada da minha casa, onde vivo há nove anos com minha família, na comunidade da Vila Autódromo. O medo de ser removida pela prefeitura é constante e paralisa a vida. Não posso trabalhar mais e tampouco faço o que mais amo: atividades sociais com as crianças na comunidade. Não sobra tempo para nada, pois todo dia tenho que ir a um fórum, fazer uma manifestação ou atender um morador com o coração perturbado e sem fé no futuro.

Vim para Vila Autódromo em 26 de abril de 2002. Mas moro na região desde os oito anos de idade, quando a avenida Aberlardo Buerno - que fi ca à margem da comunidade - não existia, e a mata era virgem e fechada. A luz era de lampião. Nós pescávamos na lagoa, moíamos cana, plantávamos aipim e fazíamos beiju. Era bem rural aqui. Entrava muita cobra em nossas casas e, quando chovia, muita lama. Aqui não passava carro. O transporte era só a cavalo ou de bicicleta. Havia pequenas famílias de pescadores na região, mas não era ainda uma comunidade estruturada como é hoje.

Esses terrenos que, hoje, abrigam vários prédios imensos eram antigamente sítios com pequeníssimas casas, onde eu e minha família morávamos. Éramos caseiros. As pessoas que tinham boa situação compra-vam terra aqui, mas não queriam morar na região, porque só havia mato. Por isso, colocavam os caseiros para tomar conta da terra. Um dia meu pai falou, e ele estava certo: "Aqui, no futuro, haverá vários empreendimentos e vão expulsar o povo".

Essa área começou a ser urbanizada aos poucos e habitada de forma mais visível a partir de 1994. Foi só nesse ano que os caseiros começaram a sair, e os sítios deram lugar aos prédios. Agora é um lugar totalmente diferente de quando conheci. Escolhi esse lugar para morar porque aqui é tranquilo e não tem violência. O portão da minha casa fi ca aberto. Essa é a realidade da Vila Autódromo até hoje.

Nunca gostei de política, mas sempre gostei de ajudar, em especial nas atividades com crianças. Meu ativismo social começou na escola da minha fi lha. Com o tempo, descobri que a escola tinha uma verba rotativa. Quando tinha noticias que uma família estava sem dinheiro para comida ou remédio, eu ia até a diretora. Educadamente, falava com ela que a família precisava de ajuda e pedia para comprar o remédio ou uma cesta básica para a criança.

Meu trabalho com as crianças foi o principal motivo que me fez aceitar participar da associação de moradores, mas depois vieram as ameaças de remoções. Primeiro com nome de Jogos Panamericanos. Agora com o nome de Jogos Olímpicos. Os eventos são só uma desculpa. A verdade é que os empresários não aceitam que gente humilde como nós viva entre eles. A terra valorizou muito. Agora, eles querem o terreno para construir grandes projetos imobiliários e usam os eventos como desculpa, ou criminalizam o povo, dizendo que somos poluidores.

Para ler o depoimento completo visite www.desinformemonos.org

A fome espreita o Vale do Silício

Uma das grandes contradições da pobreza nos Estados Unidos é que as pessoas que produzem alimentos para todos no país, são as que não têm o que comer.

Texto e fotografía: David Bacon

Vale de San Benito, Califórnia. A cada ano, quando chega a primavera, famílias inteiras pegam suas caminhonetes e vão para Hollister, a principal cidade do Condado de San Benito, no estado da Califórnia. Há gerações as famílias migram para conseguir trabalho na enlatadora San Benito Foods.

"Este ano o trabalho foi lento. Na semana passada colhemos pêssegos, choveu e não fez calor", disseram Harley e Emilio Delgado. Ambos vivem no acampamento de trabalhadores migrantes, instalado ao sul do povoado nos anos 40. Atualmente uma parte do acampamento é ocupada por trailers e a outra por prédios construídos depois da guerra.

Todo sábado, Israel Bañuelos pega sua caminhonete que fi ca atrás do armazém onde fi ca o banco de alimentos do Condado. A caminhonete vai cheia de comida e o acampamento é sua primeira parada.

Israel menciona que há mais pessoas do que as que estão lá hoje. "As pessoas de fato precisam. Não sei o que fariam se não viessem toda semana."

O condado de San Benito fi ca ao sul do Vale do Silício. Conforme se avança para o sul, as grandes fábricas de eletrônicos vão dando lugar a campos de alface e tomate, bem como pés de pêssego e nozes.

À medida que as comunidades se tornam mais rurais, os trabalhadores temporários se multiplicam e a população empobrece. Em 2009, a renda média anual na região do Vale foi de US$ 94.715. Em 2010, com a recessão, o desemprego no estado alcançou 12%.

Quando o banco de alimentos abriu há 20 anos, atendia a 35 famílias. No ano passado, entregou 1.750 cestas de alimentos por semana para cinco mil pessoas.

O movimento de trabalhadores temporários aconteceu entre 1960 e 1970, teve como principal organizador José Luna (conhecido em inglês como Joe Moon), que coordenou milhares de coletores de uvas e com o tempo eles se transformaram na maior companhia vinícola do mundo: a Vinhedos Almaden. Luna se foi, mas deixou seu legado, com contratos e um sindicato organizado. Essa companhia desapareceu em 1980. A maioria dos trabalhadores de hoje em dia eram crianças quando o escritório do sindicato fechou.

Atualmente os homens velhos que recebem as cestas de alimentos não são de famílias de trabalhadores temporários. Peewee Rabello é um dos primeiros na fi la. Sua família é composta de homens, e quase todos eles se dedicam a dirigir caminhões. O segundo na fi la é Gene; sua família trabalhou nas minas Indria Quicksilver. Os descendentes dessas famílias de mineiros, como Peewee e Gene, não têm casa nem trabalho e muitas vezes não têm o que comer. Quando a caminhonete apa-rece todo sábado, eles dependem do que vem na cesta para sobreviver os próximos sete dias.

"Quando os jovens só têm macarrão, pão ou bolachas para jantar, não vão bem na escola". Muitas famílias pobres têm uma dieta baseada em carboidratos, que enchem mas são pobres nutricional-mente. As cestas de alimentos têm pão, mas também alface, laranjas e alimentos que evitam a obesidade infantil.

Leia a reportagem completa em www.desinformemonos.org.

Os excluídos não se resignam "Não aceitamos ser reprovados na UNAM nem em nenhuma Universidade"

A previsão para este ano é que, dos 310 mil estudantes que prestaram vestibular na capital do México, apenas cerca de 10 mil conseguirão lugar em uma instituição de ensino pública.

Isabel Sanginés Franco y Atzelbi Hernández

México, DF. Em 2011, mais de 200 mil jovens foram reprovados nas universidades públicas da Cidade do México. Neste ano, na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) foram prestados 197.524 exames de vestibular, dos quais foram admitidos unicamente 10.284 jovens. Ou seja, mais de 90% dos vestibulandos foi reprovado. A eles, somam-se os 50 mil jovens reprovados no Instituto Politécnico Nacional (IPN) e outros 60 mil na Universidade Autônoma Metropolitana (UAM).

Como alternativa, oferecem-lhes continuar os estudos em instituições tecnológicas que, segundo esses próprios jovens, "não representam uma opção para nosso desenvolvimento profi ssional já que não se trata de universidades, mas de centros de adestramento de trabalho, baseado no ensino de habilidades manuais». Também lhe oferecem a possibilidade de entrar nas fi las de empregos informais e de subempregos, ou, ainda, incrementar as já bastante infl adas cifras de desemprego juvenil.

Mas os excluídos não se resignam a ser excluídos, e não aceitam ser condenados a se converterem em mão de obra barata para as empresas transnacionais, nem em insumo humano para o crime organizado ou para as forças policiais e militares. De modo que, desde 2006, os estudantes reprovados das universidades públicas da cidade se organizam e empreendem um processo de luta pelo direito social à educação superior pública, gratuita e de qualidade, por meio do Movimento de Aspirantes Reprovados da Educação Superior (MAES, da sigla em espanhol).

O MAES nasceu no contexto da Sexta Declaração da Selva Lacandona, do EZLN, quando alguns dos jovens reprovados nas universidades, com médias ponderadas altas no primeiro grau e com pontuações altas nos vestibulares, decidiram rejeitar o discurso que os catalogava como reprovados e incapazes para seguir uma carreira universitária de alto nível.

O problema de fundo, afi rmam, não é que milhares de aspirantes reprovem no exame de seleção, mas "as políticas públicas restritivas e excludentes impostas pelo modelo neoliberal". Estas políticas implicam na redução, ou, pelo menos, no não aumento de matrículas e na negativa em construir novas universidades públicas. Não aceitamos ser reprovados!

Desde 2006 os estudantes que integram o MAES têm demandas que foram traduzidas em um conjunto de propostas, a partir das quais se poderia resolver o problema da oferta em educação superior. Entre elas, encontramos a exigência do aumento imediato do número de matrículas nas instituições públicas; que sejam construídas novas instituições públicas de educação superior; que cancelem o vestibular como mecanismo para o ingresso na educação superior; e que aumentem o pressuposto destinado à educação pública.

Depois de seis anos, são muitos os estudantes que, graças à luta que empreenderam junto ao MAES, estão concluindo suas carreiras universitárias.

A seguir, um dos depoimentos publicados na página do Facebook: "Eu entrei na universidade como resultado da nossa luta no MAES".

Nicte-há Yoyotzin: Há quatro anos conheci o MAES e, graças ao esforço que realizado estou na universidade. Agora, quatro anos e meio depois, estou a ponto de terminar meu curso. Com a perseverança, o esforço e a convicção podemos conseguir grandes coisas. Esta luta não termina… apenas começa.

Para ler o artigo completo acesse a http://desinformemonos.org

Moçambique: a revolta que estremeceu a capital

Texto e fotos: Amanda Rossi

Maputo, Moçambique. No dia primeiro de setembro de 2010, a população de Maputo, capital de Moçambique, tomou as ruas da cidade para protestar contra o aumento do custo de vida.

Em menos de um mês, foram anunciados aumentos de 17% no preço do pão, 13% no da energia e 11% no da água. Isto, em um país em que 54% da população vive abaixo da linha da pobreza.

Diante da insatisfação generalizada, começaram a circular mensagens de texto nos celulares pedindo greve na capital do país. «Moçambicano, prepara-te para a greve geral 01/09/2010. Reivindicamos contra o aumento dos preços do pão, água, luz e diversos. Envie para outros moçambicanos. Despertar».

No dia marcado nas mensagens, homens, mulheres e crianças saíram para as ruas. Segurando pedras e pedaços de madeira, gritavam: «estamos prestes a morrer de fome!»

As ruas de bairros da periferia foram tomadas por barricadas montadas com troncos de árvores, pedras e pneus incendiados, bloqueando o acesso ao centro da cidade, que fi cou vazio.

Os manifestantes também cantavam o refrão da música "Povo no Poder", do rapper Azagaia: "Sobe o preço do transporte, sobe o preço do pão / Agora pedem ponderação".

Em toda a cidade, a polícia moçambicana reagiu violentamente às manifestações. Segundo estimativas ofi ciais, 13 pessoas morreram e mais de 500 fi ca-ram feridas. Uma das vítimas foi o me-nino Hélio, 11 anos, baleado na cabeça quando voltava da escola para casa. «E agora, o que vamos fazer? A polícia luta conosco e nós lutamos por pão», gritou um manifestante.

O Centro de Integridade Pública, uma organização moçambicana, denunciou o uso de balas reais para reprimir os manifestantes.

O presidente, Armando Guebuza, declarou em rede nacional: «Nossos compatriotas que são usados nessa manifestação estão a contribuir para trazer luto e dor no seio da família moçambicana e para o agravamento das condições de vida da população".

Em pronunciamento ofi cial, o Ministro do Interior, José Pacheco, chamou os manifestantes de «aventureiros, bandidos, malfeitores».

Organizadas por mensagens de texto, as manifestações continuaram até o dia 3 de setembro. O serviço de celulares pré-pagos (os mais usados pelas classes mais baixas) foi interrompido por ordem do Ministério dos Transportes e Comunicações. A medida foi denunciada por uma operadora.

No dia 7, o governo de Moçambique voltou atrás. Anunciou um pacote de medidas que anulou os aumentos nos preços do pão, água e energia elétrica e congelou salários de ministros.

"Os que mais estão privados de poder fi ze-ram estremecer a cidade, experimenta-ram a vertigem do poder", disse o escritor moçambicano Mia Couto.

Para ver a foto-reportagem visite www.desinformemonos.org

Cultivo de camarões na América Central

Destruição ecológica e mentira social

A seguir apresentamos fragmentos da entrevista com Jorge Varela, de Honduras, diretor do Comitê para a Defesa e Desenvolvimento da Flora e Fauna do Golfo de Fonseca e vencedor do prêmio ambiental Goldman em 1999.

Lutz Kerkeling. Fotos: Dorit S.

Honduras. Em 1972 teve início a indústria do cultivo de camarões na América Central e Honduras. Suas consequências ambientais foram a destruição de ecossistemas, a perda de biodiversidade, a contaminação das águas costeiras e a chegada de doenças exóticas. Até o ano 2000, 20 mil hectares de manguezais haviam sido destruídos, e essa expansão continuou. Apesar de o setor ter começado com grupos de camponeses e pescadores, hoje a maior parte está nas mãos de empresas estrangeiras (dos estados Unidos, Panamá e Espanha), embora a constituição proíba que eles tenham propriedades em áreas costeiras ou de fronteira.

O setor traz consequências para as comunidades dessas regiões porque os ecossistemas perdidos eram áreas de trânsito e fontes de alimento, emprego, madeira, etc; e também traz violações aos direitos humanos, assassinatos, feridos, encarceramento, danos ao comércio e redução da pesca. Por tudo isso, a pobreza aumentou e, em consequência, os problemas de nutrição, saúde, educação e segurança.

O governo e as empresas dizem que as fazendas industriais de camarão trazem prosperidade e emprego. Entretanto, as empresas fazem chantagem: "deixe-me trabalhar sem impostos nem condições, ou então demito todos os funcionários". Elas abastecem os países do norte de alimento barato e há lucros para a oligarquia e o governo de Honduras, mas a população não vê esse "progresso e desenvolvimento".

Só pode haver progresso no sul se as empresas nacionais e transnacionais pagarem seus impostos e eliminarem seus privilégios, e não se os pobres subsidiarem os ricos. Uma redução do consumo do norte favoreceria todo o planeta; a União Europeia importa 65% do camarão de Honduras; os Estados Unidos, 30%; e só cerca de 5% fi ca na América Central. Os consumidores deveriam analisar os impactos da aquicultura do camarão e serem mais honestos pagando o verdadeiro preço derivado dos danos sociais, ambientais e econômicos.

A proposta seria uma mudança do sistema econômico que se refl ete numa economia nacional orientada a satisfazer as demandas das grandes maiorias e a recuperar os bens acumulados ilegalmente pela oligarquia. O golpe de Estado conseguiu seu objetivo ao colocar seus principais líderes nas mais importantes instituições, respaldados pelo atual "governo democrático"; agora a impunidade e a corrupção são maiores. A resistência trata de se organizar pacifi camente, mas no caminho alguns dos ativistas são assassinados, junto com conquistas sociais e ambientais. Os golpistas apostam que o tempo trará o esquecimento.

Para ler a entrevista completa, visite: http://.desinformemonos.org

Resgatar nossas raízes, afi rmar nossa identidade

Escrito pela Coordenadoria Regional de Autoridades Comunitárias (CRAC), Polícia Comunitária do estado de Guerrero
Fotos: Sergio Ferrer

Guerrero, México. Em uma região em que a justiça era sinônimo de corrupção, e a segurança, sinônimo de violações, a

Coordenadoria Regional de Autoridades Comunitárias (CRAC), mais conhecida como Polícia Comunitária, administra a justiça de 180 mil habitantes de aproximadamente 180 quilômetros quadrados da Montanha e Costa Chica do estado de Guerrero. Além disso, trabalha para manter viva a cultura e as tradições da região.

Aqui, afi rmam os habitantes da região, a alimentação, as ideias e os hábitos das crianças mudaram. Em vez dos alimentos tradicionais, agora eles comem frituras. E não brincam, apenas assistem televisão. A submissão a essa cultura «trazida de fora», parecia ser quase uma ordem. Entretanto, eles permanecem fi rmes, defendendo suas palavras de ordem: sim à vida, às tradições e aos recursos naturais, e um rotundo "não" à sua mercantilização.

O que segue é a apresentação de um extrato do texto da CRAC «Nossa luta é por um futuro melhor para todos», publicado no Desinformémonos:

Somos uma instituição dos povos, somos indígenas ñu savi, me'phaa y afromestiços aglutinados na Coordenadoria Regional de Autoridades Comunitárias. Abarcamos um território que compreende 63 comunidades em 12 municípios.

Nossa instituição construiu um modelo de justiça que busca a conciliação, em que não se cobra pela aplicação da justiça e em que há a possibilidade de falarmos nossas próprias línguas.

Recorrer aos nossos valores e modos de vida caracteriza este novo direito dos povos que estamos construindo. Trata-se de um direito distinto àquele que o Estado nos impôs, o qual não serve para resolver os problemas que enfrentamos.

Estamos construindo um sistema que depende das comunidades para seu funcionamento. Ou seja, tanto para a construção deste nosso direito, como para as práticas para vigiar e garantir a segurança nos trajetos, a aplicação e busca de justiça, e a reeducação comunitária.

Não obstante, precisamos ser humildes com relação aos avances da organização. Os progressos na área de produção de alimento ainda são muito precários, e, apesar de termos aberto espaço para debater e resolver questões relacionadas à alimentação, à saúde e à educação, nos faltam experiência e recursos para seguir adiante.

Na Polícia Comunitária estamos exercendo um direito que foi arrebatado do povo. Para nós, a justiça ultrapassa o terreno da legislação. Acreditamos que a solução para nossos problemas não está apenas na judicialização dos mesmos, mas também no fi m da fome e da falta de educação.

Por isso, conjuntamente com o Centro de Orientação Alimentar, elaboramos um diagnóstico próprio da área de Segurança, Disponibilidade e Acessibilidade Alimentar. Nele, explicamos quais são os problemas que enfrentamos cotidianamente relacionados à alimentação, já que em nossas comunidades temos os índices mais altos de desnutrição infantil da América Latina.

Nossas comunidades enfrentam, além da ameaça da instalação de empresas mineradoras, cujas concessões abarcam cerca de 80% da área das 63 comunidades que integram o território comunitário.

Isto ameaça a própria existência de nossos povoados, uma vez que afeta a terra, a água, o ar, a nossa cultura, destruindo nossos sítios sagrados e acabando com a possibilidade de produção de nossos alimentos. Perguntamos a nós mesmos: como é possível permitir que alguém contamine a mesma terra onde plantamos nossos alimentos? O que devemos fazer para que parem de contaminar a água que bebemos?

Para ler o texto completo e o informe da CRAC acesse http://desinformemonos.org

Dom Tomás Balduíno A defesa da ecologia, uma conquista mundial

Joana Moncau

Em entrevista ao Desinformémonos, Dom Tomás Balduíno, bispo emérito de Goiás, analiza a importância dos povos originários na luta contra o modelo depredatório em vigor no mundo.

São Paulo, Brasil. No Brasil, a Floresta Amazônica, a maior fl oresta tropical no mundo, sofreu recentemente um grande golpe com a eminente aprovação de um novo Código Florestal, fl exibilizando as regras que limitam o desmatamento. As verdadeiras intenções das mudanças: por falta de técnica, garantir a ampliação do latifúndio é a política do governo para manter o país na hegemonia da produção do agronegócio. Um dos maiores confl i-tos se dá em torno da disputa por terra e território. Aqui, viver na e da fl oresta é um desafi o que pode custar a vida, como vem custando a muitos.

A seguir a entrevista concedida ao Desinformémonos.

Brasil: quando a tecnologia é o latifúndio, e o desenvolvimento, a queda da floresta

O agronegócio é considerado muito bonito, o desenvolvimento, o progresso, mas tem o calcanhar de aquiles que é uma produção, do ponto de vista técnico, de menor aproveitamento do solo, então, para que haja melhor produção, decidiu-se ampliar a área de plantio. Em termos de técnica nós podemos estar sendo superados pelos nossos concorrentes, mas em termos de latifúndio somos imbatíveis. O latifúndio entra como garantia dessa hegemonia da produção da cultura do etanol, dos grãos (sobretudo a soja), do eucalipto para celulose. Isso, via bancada ruralista, transformou-se em lei, no chamado Código Florestal, que permite o avanço sobre as áreas de proteção de mananciais e não torna mais obrigatório o refl orestamento.

«Desenvolvimentos» sem fl oresta: ten-dência mundial

A pressão do agronegócio contra a fl oresta e os povos das fl orestas é uma tendência mundial. Isso, em termos de apoio de certos governos via fi nanciamento a isso que eles chamam desenvolvimento e crescimento, que é um crescimento puramente econômico. Os governos procuram a todo custo o desenvolvimento, com as pressões das multinacionais, das empresas, do desenvolvimento concentracionista e cruel, porque trata mal aos trabalhadores, inclusive recorre ao trabalho escravo, e desrespeita os povos indígenas e tradicionais. É o caso do Complexo Hidroelétrico de Belo Monte, assim chamado, que vai desalojar populações indígenas. Serão desalojadas 40 mil pessoas.

Defesa da ecologia: conquista mundial

Por um lado, temos a corrida por um desenvolvimento mesmo em detrimento da natureza. Por outro lado, o crescimento da opinião pública favorável à ecologia. Acho que isso é uma conquista mundial, como a da igualdade da mulher, uma conquista mundial irreversível, cuja tendencia é só se consolidar.

Consumismo: o divisor de águas para outra sociedade

Ao mesmo tempo que avança o capital, com todas suas consequências como o consumismo, o individualismo, a concorrência, os massacres, a violência, persistem em vários povos, sobretudo nos povos originários, outro tipo de relação e de visão que preserva o respeito pelo mundo. Para o agronegócio, conta em primeiro lugar o lucro em detrimento da vida, das pessoas, da natureza. Estão em outro polo os povos tradicionais, indígenas, quilombolas, camponeses, das mulheres quebradeiras de coco. No polo da convivência respeitosa de uns para com os outros, respeitosa na relação com a mãe terra. Por exemplo, no grupo dos Xirin, no Pará, não existe o verbo «ter». Na nossa sociedade, o consumismo, ao invés de trazer satisfação e alegria, só traz mais angústia. Onde há petróleo tem guerra, e para isso acham as melhores justifi cativas. O que foi a história de Bush na guerra do Iraque? Ele chegou a mentir internacionalmente dizendo que no Iraque havia usinas de fabricação de armas de destruição de massa. Mas o que estava em jogo? É o dinheiro.

Caminhar para o passado

A destruição da vida na terra leva a uma reação de morte das espécies, a uma destruição da ecologia, do planeta. A mortandade, inclusive da própria espécie humana, é uma forma de a natureza reagir. Mas, a visão dos povos originários é uma visão otimista de convivência, e isso sempre foi assim. Quando os europeus pisaram em nosso continente, os povos daqui já estavam há milhares de anos e nunca houve uma destruição. Assim como no passado, no futuro pode haver essa recuperação e esse respeito pela natureza.

A entrevista completa está disponível em www.desinformemonos.org

Da dor à esperança, vozes das vítimas da guerra de Felipe Calderón

A seguir se apresentam uma série de depoimentos de familiares de homens e mulheres assassinados ou desaparecidos durante a guerra imposta por Felipe Calderón no México. São as vozes da indignação, da dor e da falta de esperança. Os depoimentos foram colhidos por Gloria Muñoz Ramírez e Marcela Salas Cassani, durante o percurso da Caravana Pela Paz com Justiça e Dignidade.

Fotos: Murphy Woodhouse

Viemos falar porque não temos com quem desabafar

Dois policiais da tropa de choque sequestraram meu fi lho numa caminhonete da polícia. Ele é empresário e está no ramo de cargas. Isso foi há dois anos e meio, em Cadereyto Jiménez, em Noevo León, a cerca de 35 quilômetros de Monterrey. Meu fi lho ia pegar dois de seus motoristas quando o colocaram na caminhonete. Testemunhas viram quando o prenderam e ele mostrou seus documentos. Desde esse dia não sabemos nada dele.

Se o presidente Calderón estivesse na minha frente eu diria para ele deixar o povo agir, pois precisamos nos defender.

Precisamos de uma revolução da consciência

Meu nome é María López, daqui de Coahuila. Mataram meu fi lho Víctor Manuel Chacón, de 33 anos, junto com um de seus amigos, em Ciudad Cuauhtémoc. Isso aconteceu há quatro anos, quando Felipe Calderón começou sua guerra. Eles foram pegos na rua e massacrados. O que aconteceu foi que não esperaram o pagamento do resgate e decidiram matá-los.

Esta guerra é uma estupidez, uma bobagem. Na semana passada me assaltaram a mão armada, a polícia estava perto e não fez nada.

Meu fi lho foi levado às cinco e vinte da tarde

Eu sou de Ciudad Jiménez, Chihuahua. No ano passado, meu fi lho foi a Parral só para buscar um telefone celular e desde esse dia não voltei a vê-lo.

Eu não tinha coragem de falar, mas agora sinto que não estamos sós, como se costuma dizer. Ninguém mais está só. Vivemos na dor, porque cada vez que vemos que um jovem é assassinado eu revivo a situação. Não há paz, não há paz à noite nem de dia para os meus outros fi lhos. Vivo com medo porque já não sabemos de quem devemos nos proteger.

Acabam com as vidas de gente que faz falta à sociedade

Meu nome é Romulo Silva, e sou de Juan Aldama, Zacatecas. Isso também já nos atingiu, roubaram nossa caminhonete e já estão matando pessoas em Juan Aldama.

Eu agora realmente tenho mais medo dos militares e das autoridades, do que dos próprios ladrões. Às vezes chego a um posto de controle, e chego tremendo porque não sei o que pode me acontecer. Em Ciudad Juárez há quem assegure que pessoas de nossas próprias forças armadas estão cometendo crimes. Elas não usam uniforme, mas são pessoas que pertencem às instituições policiais do país.

Sou mãe de quatro fi lhos desaparecidos

Sou uma mulher destruída pela dor. Venho da comunidade Pajacuarán, Michoacán, de origem humilde, trabalhadora. Peço ajuda a vocês, que os meios de comunicação me escutem, que levem em conta que todos eles são fi lhos ou pais de família... Que se coloquem no meu lugar, que se o fato de sermos pessoas humildes nos coloca nessa situação, isso não é justo.

Entre os que estão desaparecidos estão meus quatro fi lhos, meu sobrinho e o ma-rido da minha neta. Os demais também são de lá da comunidade, gente muito humilde também, que não pode vir.

Para ler os depoimentos completos, visite www.desinformemonos.org

Desinformémonos hermanos
tan objetivamente como podamos

desinformémonos con unción
y sobre todo
con disciplina

que, espléndido que tus vastas praderas
patriota del poder
sean efectivamente productivas

desinformémonos
qué lindo que tu riqueza no nos empobrezca
y tu dádiva llueva sobre nosotros pecadores
qué bueno que se anuncie tiempo seco

desinformémonos
proclamemos al mundo la mentidad y la verdira

desinformémonos
nuestro salario bandoneón se desarruga
y si se encoge eructa quedamente
como un batracio demócrata y saciado

desinformémonos y basta
de pedir pan y techo para el mísero
ya que sabemos que el pan engorda
y que soñando al raso
se entonan los pulmones

desinformémonos y basta
de paros antihigiénicos que provocan
erisipelas y redundancias
en los discursos del mismísimo

basta de huelgas infecto contagiosas
cuya razón es la desidia
tan subversiva como fétida

garanticemos de una vez por todas
que el hijo del patrón gane su pan
con el sudor de nuestra pereza

desinformémonos
pero también desinformemos

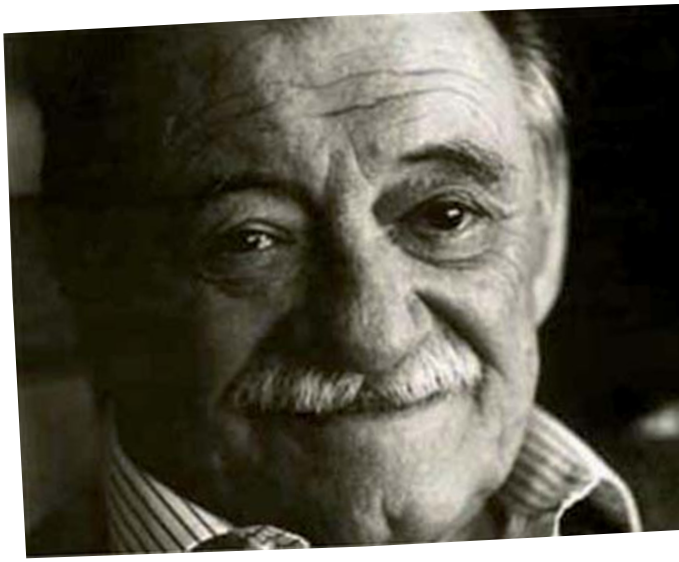
verbigracia
tiranos no tembléis
por qué temer al pueblo
si queda a mano el delirium tremens
gustad sin pánico vuestro scotch
y dadnos la cocacola nuestra de cada día

desinformémonos
pero también desinformemos

amemos al prójimo oligarca
como a nosotros laburantes

desinformémonos hermanos
hasta que el cuerpo aguante
y cuando ya no aguante
entonces decidámonos
carajo decidámonos
y revolucionémonos.

Mario Benedetti



Revista comunitária bimestral *Número 14 - Agosto / Setembro 2011* ***www.desinformemonos.org***
Direção: *Gloria Muñoz* **Coordenação da Revista Comunitária:** *Amaranta Cornejo Hernández e Marcela Salas Cassani*
Tradução: *Eloise De Vylder e Joana Moncau* **Diagramação:** *Francis Goche*